

Foucault, leitor da psicanálise*

Joel Birman

Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Estadual
do Rio de Janeiro

E-mail: joelbirman@uol.com.br

Resumo: A intenção deste ensaio é a de localizar, de forma sumária, as diferentes leituras realizadas por Foucault do discurso psicanalítico, com o intuito de ressaltar os seus pontos de proximidade e de distância em relação às proposições desse discurso. Para tal, as críticas lançadas tanto a Freud quanto a Lacan serão devidamente destacadas, sobretudo em relação a este último. No que tange a isso, a questão do Édipo como estrutura estará em pauta, num debate entre os conceitos de Lei e de norma, que colocará em evidência o conceito de biopolítica.

Palavras-chave: sujeito; saber; poder.

Abstract: The aim of my presentation is, in a summarized way, to place the different readings of psychoanalytical Discourse made by Foucault, trying to highlight his points of proximity and of distance in relation with the propositions of that Discourse. For that, the criticism mad toward Freud and Lacan will be adequately addressed, especially concerning the latter. In its regard, the Oedipus questions as a structure will be at stake, in a debate between the concepts of law and of norm, which will highlight the concept of biopolitics.

Key-words: subject; knowledge; power.

* Este ensaio foi escrito com base em notas que me orientaram na conferência pronunciada no I Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise, realizado em São Paulo, em novembro de 2005, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Diferenças

Não é um empreendimento teórico simples delinear as relações do discurso de Foucault com a psicanálise, não obstante esta ser inequivocamente uma referência constante na sua vasta obra. Poder-se-ia desqualificar esta questão, certamente, afirmando apenas de maneira curta e grossa que Foucault não dava muita importância para a psicanálise, pois a depreciou ironicamente em muitas de suas obras. A única constância da referência da psicanálise no discurso teórico de Foucault seria então, nessa perspectiva, a desqualificação daquela, seja de forma direta seja indireta. Não me parece que esta leitura seja pertinente, apesar das múltiplas críticas que Foucault enunciou sobre a psicanálise, como se verá ainda ao longo deste ensaio. Foucault não estabeleceu no seu discurso teórico uma relação de encantamento fácil e pueril com a psicanálise, sem dúvida, mas inscreveu esta como uma questão polêmica ao longo do seu percurso filosófico. É a circunscrição inicial deste horizonte conceitual que precisa ser bem traçada aqui, para começo de conversa.

Para isso, é preciso que nos indaguemos devidamente sobre o sentido do sintagma “referência constante”, a que aludi acima. O que quero dizer com isso, afinal de contas? Enunciei a idéia de referência, não no sentido de ser a psicanálise um dos instrumentos teóricos de trabalho e de direção da reflexão teórica de Foucault, isto é, uma das fontes conceituais de seu discurso. Não se pode afirmar a mesma coisa num autor como Derrida, para quem a psicanálise é uma das condições teóricas de seu discurso (Derrida 1967b; Derrida 1980; Major 2002). Nem tampouco de Deleuze, em algumas de suas obras (Deleuze e Guattari 1972; Deleuze 1993), para quem a psicanálise contou muito como discurso teórico, não obstante as suas críticas contundentes a ela.

Não se trata disso no que concerne ao pensamento teórico de Foucault. É algo bastante diferente que está aqui em pauta, sem qualquer dúvida. É preciso estar bem atento ao lance para não se correr o risco de misturar as cartas do jogo. Se, para Foucault, a psicanálise é uma referên-

cia constante, isto é, algo que insiste, repete-se e mesmo se impõe como questão em toda a sua obra, isso se deve ao fato daquela ser não apenas um dos temas focados nesta, mas também uma de suas problemáticas teóricas.

Deslocamo-nos, portanto, das razões da ordem do fato para as da ordem do direito, ao enfatizarmos o registro da *problemática* e não apenas o do tema. A psicanálise se inscreve num conjunto maior do pensamento teórico de Foucault, não se restringindo, pois, a ser algo de ordem pontual. Com isso, a psicanálise, como acontecimento discursivo, assume uma posição de maior presença e, principalmente, de maior complexidade no pensamento de Foucault do que talvez se queira reconhecer comumente. Enfim, seja como presença, seja como complexidade, a psicanálise se inscreve pela sua densidade, como *problemática* que é, no interior da obra de Foucault.

No entanto, a diferença teórica em relação a Derrida permanece ainda incólume no que concerne à psicanálise, na medida que, para este, a psicanálise é um dos paradigmas para a produção de seus conceitos teóricos, enquanto que, para Foucault, é encarada de forma eminentemente crítica. O que interessa para este é *como* a psicanálise se inscreve em certas matrizes da modernidade e como funciona no interior destas, enquanto para aquele o que está em pauta é o fato de o discurso psicanalítico ser uma referência crucial para a sua construção conceitual.

No que concerne a isso, aliás, a maneira pela qual o discurso freudiano é sublinhado por Derrida, principalmente no seu impacto desconcertante sobre a história da loucura (sobre isso, vide Derrida 2001b e 2001c), é completamente diversa da que enuncia Foucault (Foucault 1972). Isso porque o que está em pauta nesse debate, para um e outro, é a relação teórica diferente que estabeleceram com a tradição filosófica.

Assim, apesar da proposição teórica e metodológica da *desconstrução*, que perpassa a totalidade de sua obra (Derrida 1967a e 1967c), a relação de Derrida com o discurso filosófico se mantém incólume. A exegese de textos e de autores significativos é uma das marcas registradas

de seu percurso teórico. O que não é o caso, certamente, da perspectiva entreaberta pelo trabalho teórico de Foucault. O que este nos enuncia, com base na genealogia filosófica de Nietzsche (Foucault 1971a), centrada na leitura crítica dos valores que marcaram a tradição ocidental e voltada para a constituição de uma ética, é um recomeço outro para a filosofia. Não era bem isso que pretendia o discurso teórico de Derrida, apesar das contribuições e ganhos teóricos incontestáveis propiciados pela perspectiva da desconstrução.

Da mesma forma, uma parcela substantiva da produção teórica de Deleuze se centrou na leitura de autores significativos da tradição filosófica – Hume (Deleuze 1952 e 1953), Kant (Deleuze 1963), Bergson (Deleuze 1966), Nietzsche (Deleuze 1962), Leibniz (Deleuze 1988), Spinoza (Deleuze 1968a e 1970) –, inscrevendo-se, então, no campo clássico da história da filosofia. É claro que produziu muitas coisas fora disso, da maior importância (sobre isso, vide Deleuze 1964; 1967; 1968b; 1969; 1981; Deleuze e Guattari 1980; 1991), sem dúvida, mas a exegese filosófica foi também uma marca indiscutível do pensamento de Deleuze.

Portanto, entre o elogio e a crítica, mas uma crítica que implica também elogio, a psicanálise se inscreve diferentemente na obra desses três empreendimentos filosóficos gigantescos da contemporaneidade. Contudo, ao se fazer alusão aqui a essas diferenças, não é para valorizar um dos projetos filosóficos e desvalorizar os outros, mas para destacar a *diferença* que está aqui em pauta. Podemos, assim, nos introduzir, nessa perspectiva diferencial, de maneira mais pertinente no horizonte teórico delineado pela pesquisa de Foucault, pois é isso que nos interessa aqui.

Forma de emergência

Antes de mais nada, é preciso destacar a *forma* de aparecimento e de *emergência* da psicanálise como questão no discurso teórico de Foucault, pois isso nos oferece uma pista importante para nos aproximarmos de seu

pensamento. Pode-se constatar facilmente que o discurso psicanalítico nunca foi o objeto exclusivo de nenhum texto de Foucault, como ocorreu com Derrida e Deleuze. Enfim, Foucault nunca dedicou um só texto à psicanálise, de maneira exclusiva, na sua vasta obra.

Considerando esta constatação inicial, pode-se depreender facilmente a forma de presença da psicanálise no pensamento de Foucault. Assim, seja enfocada como tema, seja trabalhada como problemática, a psicanálise, como referência teórica constante na obra de Foucault, é sempre inscrita de maneira *indireta*. O que quero enunciar com isso? Nada mais, nada menos, que a psicanálise é sempre inserida em questões mais *abrangentes*, que são aquelas que interessam Foucault na sua investigação. São essas questões, portanto, que constituem os objetos teóricos propriamente ditos da sua investigação, nas quais se inscreve a psicanálise como acontecimento discursivo.

Desta maneira, a psicanálise não é nunca trabalhada de forma frontal e direta, como um objeto teórico enquanto tal no discurso de Foucault. Ela é sempre inserida num campo outro e mais amplo, que define o seu lugar de pertinência e de pertencimento. É para essa torção singular, ao mesmo tempo teórica e metodológica, que devemos ficar atentos, para que possamos captar devidamente a posição particular que ocupa a psicanálise na obra de Foucault.

Esboçemos, então, para começo de conversa, as grandes questões que foram forjadas e interpeladas de maneira sistemática na pesquisa de Foucault, evocando, pontualmente, as referências teóricas que foram feitas à psicanálise. Esta incursão inicial pode nos oferecer, certamente, uma *cartografia* da presença da psicanálise na obra de Foucault, que nos será crucial para os desdobramentos posteriores deste ensaio. A referência constante da psicanálise no discurso de Foucault delinear-se-á, assim, de maneira condensada. Serei aqui bastante sintético e sumário, de forma intencional, para colocar apenas em evidência o que é fundamental, deixando de fora qualquer acessório inicialmente dispensável.

Inscrições

Assim, vejamos a *loucura*. Esta foi inscrita como questão a ser interpelada num campo teórico mais abrangente, delineado que foi pela oposição entre as categorias de *razão* e de *desrazão*, que passaram a direcionar a tradição ocidental desde o século XVII. O que estava em questão aqui, para Foucault, nas suas duas obras iniciais – *Doença mental e personalidade* (Foucault 1954) e *Loucura e desrazão. História da loucura na idade clássica* (Foucault 1961) – era a impossibilidade teórica de uma leitura epistemológica sobre a problemática da loucura. Para que essa problemática fosse desenvolvida de maneira pertinente, necessário seria que a epistemologia se desdobrasse numa perspectiva histórica.

Não se tratava, para Foucault, no entanto, de empreender uma leitura orientada para a História das Ciências, mas numa perspectiva mais abrangente da história. Se em sua obra inicial Foucault centrou-se no materialismo histórico, logo percebeu os impasses a que isso o lançava de maneira crucial. Voltou-se, então, para uma outra leitura histórica sobre a loucura, que denominou arqueológica, desenvolvida em sua segunda obra.

Assim, no contexto da arqueologia da loucura – construída em *Loucura e desrazão. História da loucura na idade clássica* –, Foucault procurou delinear a existência de duas tradições sobre a loucura no Ocidente, quais sejam, a *crítica* e a *trágica*. Se a primeira tradição se plasmou na constituição da psiquiatria, na viragem do século XVIII para o XIX, apesar de ter sido iniciada no século XVII, a segunda se materializou na produção de poetas, artistas plásticos e filósofos, de forma que eram efetivamente contrapostas. A dita tradição trágica remontava ao Renascimento e mesmo à Antigüidade, enquanto a crítica se inseria nos primórdios da modernidade ocidental, quando a categoria razão passou a ocupar o primeiro plano no discurso filosófico. A psicanálise foi, então, inscrita na tradição crítica; nesse contexto, numa derivação da prática asilar e do tratamento moral (Foucault 1961).

Em seguida, Foucault se voltou para a constituição da *clínica*, indicando que a sua cristalização histórica apenas se realizou na viragem do século XVIII para o XIX, com a emergência teórica da anatomia patológica com Bichat e a constituição da anatomoclínica (Foucault 1963a). Estabeleceu-se então, com efeito, a relação entre os diferentes discursos do sintoma, sinal e lesão, enunciando a articulação íntima existente entre as queixas do enfermo, os achados do exame somático realizado pelo médico e as alterações anatômicas no corpo do doente. Essas alterações não se restringiam mais ao espaço volumoso e macroscópico dos órgãos corporais, mas se voltavam para o horizonte entreaberto pelas camadas microscópicas dos tecidos. Estes eram reduzidos em número, mas se conjugavam numa sintaxe precisa pelos diferentes órgãos do corpo.

O que estava em pauta agora era não apenas a constituição da medicina individual na sua articulação com a medicina social, mas também a construção das categorias do *normal*, do *anormal* e do *patológico*, de alcance ético, social e político. Isso porque a clínica se constituiu o primeiro saber de *exame* no Ocidente, indicando a possibilidade de um discurso sobre o particular e não apenas sobre o universal, como se supunha desde a Antigüidade, com a metafísica de Aristóteles. Como tal, a clínica serviu de modelo epistêmico e antropológico para as diversas ciências humanas, que se pautaram de maneira similar pela oposição entre os registros do normal e do anormal. Constituiu-se, portanto, o ideário da *medicalização*, pela via privilegiada da normalização do espaço social, de forma que, nesse contexto, a saúde como *norma* passou a ocupar o antigo lugar representado pela *salvação* na arqueologia do olhar empreendido por Foucault no *Nascimento da clínica*, em 1963.

A problemática da relação médico-paciente foi apenas constituída nesse contexto histórico específico, sendo até então inexistente. Esboçada como um colóquio singular, tal relação seria um dos fios arqueológicos que costuraria o espaço transferencial da experiência psicanalítica, de maneira que a psicanálise como saber foi inscrita nas tradições da clínica e da medicina.

Portanto, se, pela problemática da loucura, a psicanálise foi inserida decisivamente na tradição psiquiátrica, aqui, com a clínica, foi inscrita na tradição da clínica. Dupla crítica à psicanálise, que nos anos 50 e 60, na França, principalmente na tradição lacaniana, se representava como autônoma em relação à medicina e à psiquiatria, marcando assim a sua especificidade epistemológica, fundada no campo da fala e da linguagem (Lacan 1953).

Num terceiro momento, Foucault passou a focar as problemáticas da *linguagem* e do *discurso*, pelas quais destacou a constituição dos cânones de *verdade* no Ocidente, indicando, para isso, a junção entre os registros das palavras, das coisas e dos referentes. Em *As palavras e as coisas* (1966), com o deslocamento do cânone fundado na *representação* para a *história* – na passagem da idade clássica para a modernidade –, Foucault enunciou a configuração dos discursos da *semiologia* e da *hermenêutica* como modalidades diferentes de leitura do signo (Foucault 1966b).

Nesse contexto, a psicanálise foi inscrita na tradição hermenêutica, na qual a linguagem remete sempre a si mesma de maneira infinita e não mais para o registro das coisas, como ocorria ainda na semiologia. Da mesma forma, os discursos da economia política de Marx e da filosofia de Nietzsche se inseriam também na tradição da hermenêutica (Foucault 1968b). Além disso, a psicanálise não seria um discurso científico no sentido estrito, mas uma forma de *discursividade*. Seria isso, enfim, o que definiria a sua especificidade teórica e epistemológica.

Num quarto momento, Foucault se voltou para as problemáticas da *punição* e da *criminalidade*, em *Vigiar e punir* (1974), pelas quais tematizou a emergência do *poder disciplinar* na sua diferença com o *poder soberano* (Foucault 1974). Enfatizava, novamente, dessa maneira, a descontinuidade existente entre a idade clássica e a modernidade. Nesse contexto, a figura do crime foi substituída pela do criminoso, de forma a se configurar então uma outra economia da punição. A antiga prática do suplício foi então abolida, sendo substituída por modalidades mais doces de castigo, na qual a ênfase foi colocada na recuperação do criminoso.

A criminologia, como modalidade específica de saber, foi, então, configurada para enunciar concepções sobre a figura do criminoso a ser recuperado para o espaço social. O território da criminologia foi desenhado entre os registros do Direito penal e da psiquiatria, no qual esta definia os critérios para o processo de normalização. O discurso psicanalítico, nesse contexto, se inscreveu neste dispositivo de recuperação do criminoso, pelo qual se forjou uma criminologia psicanalítica (ibid.).

Num quinto momento, Foucault se voltou para a problemática da *sexualidade*, na sua inconclusa *História da sexualidade*, interrompida com sua morte prematura. Em *A vontade de saber* (1974), volume inaugural desse projeto teórico, Foucault inscreveu a psicanálise no campo dos saberes sobre o sexual, isto é, no discurso da sexologia. Esta se destacava como uma modalidade original de saber do Ocidente, na medida em que, nas demais tradições culturais, não existiria uma ciência do sexual, mas a arte erótica, pela qual o erotismo era cultivado e transmitido (ibid. 1976).

Além disso, a psicanálise foi criticada num de seus fundamentos, qual seja, a estrutura edípiana, à medida que, através desta, a sexualidade seria regulada pela *lei simbólica*. Seria pela mediação dessa estrutura que a interdição do incesto seria instituída, marcando a passagem crucial do infante do registro da natureza para o da cultura. Para Foucault, em contrapartida, o que estaria em pauta na modernidade era a regulação dos corpos pelas normas, pelas quais as diferentes ciências humanas empreendiam o processo de normalização do social (ibid. 1976).

Ao lado disso, com a medicalização dos corpos e da sexualidade, constituiu-se o *biopoder* e a *biohistória*, pelos quais a riqueza das nações passou decididamente a ser avaliada pela qualidade de vida da *população* e não apenas pelas riquezas naturais existentes em seus territórios. A emergência teórica da sexologia seria, pois, inseparável da constituição da população como alvo privilegiado do poder (ibid.).

Em todas essas investigações, a psicanálise está sempre presente, em maior ou menor extensão. Isso é indiscutível, como já indiquei anteriormente. Porém, o discurso psicanalítico nunca é tematizado de

maneira direta e frontal, mas sempre de forma indireta, inserido que é em problemáticas mais abrangentes. Foi este, portanto, o *estilo* de leitura que direcionou tais pesquisas, que delineou a posição específica para a psicanálise na economia simbólica do discurso teórico de Foucault.

A questão que se impõe agora de forma imperativa é a indagação sobre a razão dessa modalidade metodológica de abordagem e desse estilo de leitura. Isso porque, se a psicanálise é uma problemática constante e insistente no discurso teórico de Foucault, é preciso circunscrever agora as razões pelas quais aquela é sempre inserida de maneira indireta na escrita desse autor.

Trata-se de um paradoxo do discurso teórico de Foucault? Ou, então, de uma contradição flagrante? Nem uma alternativa nem outra, como ainda veremos em seguida. Foucault é um autor bastante cuidadoso e sistemático, nas suas leituras refinadas e eruditas, para dar lugar a estas possibilidades no seu discurso teórico. Existem razões fundamentais para isso, tanto de ordem teórica quanto metodológica.

Pretendo responder a isso aqui de três maneiras, pelo menos. Não quero dizer, com isso, que não existam outras razões possíveis para dar conta disso. Porém, no que me concerne, vou me pautar aqui por essas três maneiras, que orientaram o estilo de leitura empreendido por Foucault da psicanálise. É o que se verá no que se segue.

Ciência e saber

O projeto teórico de Foucault não se inscreve nos campos da História e da Filosofia das Ciências. Não se trata, pois, de um projeto epistemológico. Ao contrário, implica uma crítica sistemática da epistemologia, indo até mesmo na contramão desta. É esse o fio condutor inicial desta indagação, que deve ser explicitado.

Assim, pelo discurso da epistemologia, pretende-se estabelecer de maneira rigorosa e segura as fronteiras entre os registros da *verdade* e

da *não-verdade*, na medida em que o primeiro seria fundado pelos conceitos enunciados pelos discursos das ciências. Seria justamente essa fronteira que estaria na berlinda na problemática teórica entreaberta por Foucault. Isso porque a verdade enquanto tal seria algo da ordem da produção, sendo delineada, então, num horizonte histórico.

Tendo sido formado nos campos da História e da Filosofia das Ciências, na tradição francesa, na sua vertente antipositivista, inaugurada por Bachelard (sobre isso, vide Bachelard 1949 e 1975) e continuada por Canguilhem (Canguilhem 1966; 1968; 1960), Foucault reteve e destacou dessa vigorosa tradição o conceito de *descontinuidade* dos discursos científicos, signo eloqüente que seria da descontinuidade da consciência e do sujeito. Não inscreve a dita descontinuidade, no entanto, entre os pólos dos discursos do senso comum e da ciência, como propunham aqueles autores. Nem, tampouco, como propunha Althusser, entre os registros teóricos da ciência e da ideologia (Althusser 1965).

Essas oposições seriam decididamente limitadas, à medida que ocultariam as continuidades existentes entre os discursos do senso comum e os da ciência ou então entre os das ideologias e das ciências, numa perspectiva marxista, num dado período histórico. No entanto, a descontinuidade existiria se fossem considerados os acontecimentos discursivos em longos períodos históricos. Haveria, portanto, continuidade discursiva num período histórico determinado, mas, ao lado disso, descontinuidade no registro da *longa duração*. Seria neste último registro que as rupturas poderiam ser evidenciadas devidamente, enfim, indicando o deslocamento eloqüente das antigas regularidades discursivas para as novas.

Assim, a produção da verdade estaria sempre inscrita no campo das regularidades discursivas, que se transformariam, evidentemente, nos processos históricos de longa duração. Seria nesse registro, portanto, que a descontinuidade entre a verdade e a não-verdade se estabeleceria, na medida em que seria aqui que os critérios de veracidade seriam forjados, assim como os valores que os regulariam numa perspectiva histórica. Diversos

comentários preliminares já se impõem sobre isso, que não se circunscrevem aos campos estritos da Filosofia e da História das Ciências.

Antes de qualquer coisa, a importância que as problemáticas da linguagem e do discurso assumem na leitura filosófica de Foucault. Aquelas perpassam a obra de Foucault de fio a pavio, com insistência. São nesses registros que a categoria de verdade se forja e se tece, no tecido enunciativo da linguagem. Da literatura à filosofia, passando inequivocamente pelo discurso da história, é sempre o campo da linguagem que é o terreno e o alvo da leitura meticulosa de Foucault (Foucault 1971c).

Em seguida, é preciso destacar que a obra de Foucault é um redirecionamento filosófico da história de longa duração, estabelecida pelos historiadores da Escola dos Annales (sobre isso, vide Braudel 1978; Dosse 1962). Isso porque o pensamento de Foucault não apenas se funda no conceito de longa duração estabelecido por essa escola histórica, como também por estabelecer que os *sistemas de pensamento* nas suas descon-tinuidades históricas evidentes são o seu objeto teórico de investigação (Foucault 1969). Os discursos das ciências se inscrevem então, decidi-damente, num campo bem mais abrangente e englobante, denominado sistemas de pensamento, que se materializam em diferentes formações dis-cursivas. A originalidade e a especificidade filosófica do projeto teórico de Foucault estaria justamente aí, na medida que em propõe uma outra leitura para os sistemas de pensamento e para a produção da idéia de verdade. Foi pelo reconhecimento intelectual disso, aliás, pelo mundo acadêmico, que lhe foi concebida a cátedra de História dos sistemas de pensamento, no Collège de France, na passagem dos anos 60 para os anos 70. Ocupou, assim, a vaga de um de seus antigos mestres, Jean Hyppolite.

Finalmente, a sua obra se centra na leitura da tradição ocidental, não se deslocando jamais para as demais tradições civilizatórias. É a especi-ficidade cultural do Ocidente que está sempre em pauta no projeto teórico de Foucault, na qual ele destaca a sua dimensão propriamente filosófica. Daí ele privilegiar decididamente as categorias de sistema de pensamento e de verdade, objetos teóricos que são do discurso filosófico. É da leitura da

descontinuidade dos sistemas de pensamento no Ocidente, assim como da variação de seus critérios de valores de produção da verdade, que sempre se ocupa o discurso teórico de Foucault. É sempre isso que está em pauta, no seu percurso teórico, de forma insistente e eloqüente.

Por isso mesmo, a sua leitura se centra nos momentos históricos cruciais, nos quais as descontinuidades se estabeleceram na tradição ocidental: o Renascimento, a Idade Clássica e a Modernidade. Cada um desses períodos delinearía um período histórico de longa duração, nos quais os sistemas de pensamento se ordenariam nas suas especificidades, isto é, definindo as suas regularidades discursivas e as suas modalidades de veracidade (Foucault 1969 e 1971c).

No entanto, o seu interesse teórico maior se centra, decididamente, na passagem da Idade Clássica para a Modernidade. O que implica, é claro, o delineamento preciso dos sistemas de pensamento presentes em cada um desses períodos históricos, assim como a descontinuidade produzida pela passagem do primeiro para o segundo, no que concerne às regras de discursividade e aos critérios de verdade. Enfim, se a continuidade se destaca na leitura interior de cada um desses períodos históricos destacados, a descontinuidade se evidencia de maneira eloqüente na passagem decisiva de um para o outro.

É preciso enfatizar, ainda, a importância conferida por Foucault à linguagem e ao discurso, mas agora numa outra perspectiva teórica e num outro horizonte. Os sistemas de pensamento delineados por Foucault na sua leitura se ordenam como técnicas e modalidades específicas de ordenação do registro dos *signos*. Constituem-se, assim, sistemas de *interpretação*. Seria nesse registro que as descontinuidades seriam efetivamente produzidas, assim como as descontinuidades da consciência e do sujeito estariam fundadas, em última instância (ibid.).

Enuncia-se com isso o conceito de *saber*, no interior do qual se inscreve o de ciência e as demais formações discursivas. Os diferentes saberes se constituem, assim, nos tempos da descontinuidade e da continuidade históricas, regulados por *epistemes* que direcionariam as suas regras

de discursividade. Nesse contexto, enfim, os critérios de verdade seriam enunciados na sua evidência discursiva (ibid.).

Arqueologia do saber e genealogia do poder

A essa modalidade teórica de leitura, realizada no início do seu percurso, Foucault denominou *arqueologia do saber*. Dedicou a essa problemática uma obra metodológica importante, publicada em 1969, na qual enunciou os pressupostos que fundavam e direcionavam a sua investigação (ibid. 1969), intitulada justamente *A arqueologia do saber*. Essa obra foi o desdobramento e a sistematização teórica de um debate que Foucault estabeleceu, pouco antes, com o Círculo de epistemologia, em decorrência da polêmica já provocada então pela sua obra (ibid. 1968a).

De qualquer maneira, é preciso destacar que foi essa modalidade de leitura que se materializou em suas obras iniciais, quais sejam, *Razão e desrazão*, *História da loucura na idade clássica*, *Nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*. É necessário evocar ainda, no que tange a isso, como a palavra arqueologia se enuncia no subtítulo das duas últimas obras. O *Nascimento da clínica* tem como subtítulo “Uma arqueologia do olhar médico”, e *As palavras e as coisas* porta o subtítulo “Uma arqueologia das ciências humanas”.

Posteriormente, nos anos 70, Foucault promoveu uma inflexão crucial no seu pensamento, provocando assim uma descontinuidade decisiva na sua investigação. Inscreveu desde então a arqueologia do saber no que denominou *genealogia do poder* (1971b). Assim, os sistemas de pensamento, meticulosamente recenseados e forjados nas pesquisas arqueológicas, foram agora inscritos no campo das tecnologias de poder, de forma a enunciar de maneira consistente a tese das relações intrínsecas que existiriam entre os diferentes registros do *saber* e do *poder*. Este é, aliás, um dos filosofemas fundamentais do projeto filosófico de Foucault, de forma que existiria uma relação de circularidade entre saber e poder.

Foi essa modalidade genealógica de leitura que passou a realizar nas suas obras tardias, como em *Vigiar e punir* e *A vontade de saber*. Nessa perspectiva, o registro do saber implicava, necessariamente, o do poder e vice-versa, não existindo, pois, qualquer exterioridade entre ambos.

Com isso, Foucault evidenciou e fundamentou a sua inserção teórica no campo filosófico da genealogia, tornando patente, para os que não haviam ainda registrado decididamente, a articulação do seu pensamento com o de Nietzsche. Ao lado disso, indicou a diferença crucial de sua pesquisa com a que se empreende no campo da história, destacando com ênfase o abismo existente entre os registros teóricos da genealogia e da história (ibid. 1971b). Enfatizava ainda que seu projeto teórico se inscrevia no campo da filosofia e não no da história, como alguns ainda supunham. Não obstante essa diferença fundamental estabelecida, alguns historiadores, como Veyne (1978), reconheceram que Foucault tinha revolucionado a história como disciplina com a sua linha de pesquisa.

Retomando, assim, as relações entre continuidade e descontinuidade, Foucault indicou na arqueologia do saber a oposição entre a episteme da *representação* (Idade Clássica) e a da *história* (Modernidade) (ibid. 1966b), enquanto que, na genealogia do poder, enunciou a oposição entre o poder *soberano* (Idade Clássica) e o poder *disciplinar* (Modernidade) (ibid. 1974). Forjou assim, repito, um dos filosofemas fundamentais de seu discurso, as relações biunívocas entre os registros do saber e do poder. Os conceitos de biopoder e de biohistória evidenciam a intercessão crucial que existiria entre saber e poder, isto é, entre arqueologia e genealogia (ibid. 1976).

Portanto, o que interessa a Foucault no seu projeto teórico é a realização de diversas arqueologias do saber e de diferentes genealogias do poder, que se distanciam bastante de uma leitura epistemológica, seja essa realizada no campo da Filosofia seja no da História das Ciências. Estaria aqui o fio condutor que direciona o projeto teórico construído por Foucault, que revela a sua ambição de costurar as relações entre saber e poder.

Nesse contexto, a psicanálise não poderia ser jamais o objeto teórico de uma leitura pontual e frontal de Foucault, o que seria bem

mais adequada teoricamente para uma perspectiva epistemológica. Aliás, nem qualquer outra disciplina, diga-se de passagem. O estilo indireto e fragmentar de leitura que Foucault empreendeu da psicanálise se realizou igualmente com as demais ciências humanas, como a lingüística, a etnologia e a economia política (ibid. 1966b).

Por isso mesmo, os enunciados do discurso psicanalítico foram inseridos nos campos mais abrangentes da arqueologia do saber e da genealogia do poder, nos quais foram inscritos em outros contextos de leitura, sejam estes a loucura, a clínica, a linguagem, o discurso, a punição e a sexualidade. O mesmo procedimento se realizou com as demais ciências humanas, repito, que foram também inscritas nessas mesmas problemáticas.

Daí deriva então, nesse registro inicial da leitura que proponho, a presença pontual e fragmentada do discurso psicanalítico na obra de Foucault, enfatizando, assim, os diferentes recortes teóricos e metodológicos por ele realizados. Essa é, enfim, a primeira maneira para responder à minha indagação inicial neste percurso.

Atualidade e urgência

Porém, não é apenas isso que está aqui em pauta. Se este comentário oferece uma primeira razão para circunscrever decisivamente o lugar da psicanálise como tema e problemática no discurso de Foucault, isso não é tudo. Trata-se de uma razão fundamental, sem dúvida, mas não esgota o que está implicado na nossa indagação inicial. É preciso, pois, enunciar outras razões para isso, que sejam complementares a essa abordagem primeira.

Assim, num outro registro de leitura, é preciso evocar agora que Foucault era também um *estrategista* na sua investigação. Razão pela qual, aliás, a relação entre saber e poder foi erigida como um dos filosofemas de seu discurso teórico. Nessa perspectiva, o que lhe interessava

como questão teórica a ser investigada era sempre algo que se destacava e que se impunha na *atualidade*, isto é, algo que se apresentava como um ponto crucial de *urgência* no espaço social. Isso porque era preciso incidir sempre sobre as relações de força existentes no espaço social, através de sua produção teórica, justamente porque os registros do saber e do poder estavam sempre implicados. A *estratégia*, portanto, se desdobrava numa *tática*, que o orientava nas suas pesquisas.

É preciso evocar, quanto a isso, que, se a idéia de atualidade se articula com o imperativo da urgência, isso se deve a uma possível desarticulação dos campos discursivos e das tecnologias de poder, que seriam então remanejadas numa nova articulação e conjunção. Vale dizer, o imperativo da urgência enuncia que algo da ordem da descontinuidade se anuncia por diferentes modalidades de signos.

É preciso intervir, portanto, no registro do saber para que se engendre e se direcione as relações de forças existentes no espaço social, para que se possa inflexionar as relações de poder. Isso porque, entre os registros de *guerra* e da *política*, as relações são de fundação e de implicação recíprocas, não existindo qualquer exterioridade entre ambos (ibid. 2001).

Foucault procurou sustentar filosoficamente essa posição teórica para justificar a modalidade do discurso filosófico que realizava. Isso implicou, é claro, uma leitura do estatuto da filosofia na modernidade que inaugurou, então, um outro estilo discursivo. Este rompia decisivamente com outros momentos da história da filosofia, na medida em que a alusão à atualidade deveria ser um ponto fundamental na discursividade filosófica da modernidade.

Assim, num ensaio intitulado “O que é o Iluminismo” (ibid. 1984d), Foucault realizou um comentário primoroso sobre o clássico texto de Kant (1990), que tem o mesmo título, aliás. Procurou mostrar então que, na modernidade, a filosofia não deveria mais se limitar à exegese dos discursos filosóficos estabelecidos ao longo da história da filosofia, mas que deveria se voltar sempre para a atualidade. Seria dessa maneira que

Foucault interpretava o filosofema de Kant sobre a maioria da razão existente no Iluminismo, indicando assim a ruptura da filosofia crítica com a tradição filosófica anterior. Seria a atualidade que estaria então sempre em pauta, devendo, portanto, o trabalho filosófico incidir nas relações de força existentes no espaço social. Seria isso, enfim, o que representaria a maturidade da razão representada pelo Iluminismo, enunciada por Kant, que teria superado a famosa querela dos antigos e dos modernos, que atravessou a Europa nos séculos XVII e XVIII.

Foi nessa perspectiva, portanto, que o percurso teórico de Foucault foi sempre construído, nos seus diferentes momentos e nas suas diversas inflexões. A atualidade estava sempre em questão na sua urgência, sendo esse o seu alvo privilegiado de leitura, no registro da tradição francesa ou no contexto internacional.

É preciso agora, então, circunscrever e inquirir, enfim, as questões que delineiam essa urgência e esses limiares críticos.

Limiares críticos

Assim, vejamos tudo isso de maneira esquemática.

Se a problemática da loucura inaugurou a obra de Foucault, no final dos anos 50 e no dos anos 60, isso se deve à importância crucial assumida pela condição social e política dos doentes mentais e as crises das instituições de cuidado naquele contexto histórico. Foi nesse contexto também que o movimento psicanalítico francês se expandiu de maneira vertiginosa, como um remanejamento já no campo dos saberes do psíquico, para responder à crise do campo psiquiátrico. Foi ainda nesse período histórico, enfim, que se iniciou a revolução psicofarmacológica, que começou a transformar radicalmente a tradição psiquiátrica, em escala internacional.

Uma questão similar estava também presente na elaboração da problemática da clínica, pois a crise da medicina já se impunha no horizonte

dos anos 60, assim como a das ciências humanas, no auge do pensamento estruturalista na França. Por isso mesmo, a articulação teórica existente entre os discursos da clínica e das ciências humanas foi assim tecida por Foucault de forma original, nessa conjuntura histórica.

No entanto, em *As palavras e as coisas*, Foucault se voltou novamente para a crise das ciências humanas, explorando estas agora por um outro viés, diferente da matriz da medicalização que teria marcado a modernidade do Ocidente, como em o *Nascimento da clínica*. O que lhe interessava agora eram as diferentes técnicas de interpretação forjadas na tradição ocidental, do Renascimento até a Modernidade, para enunciar as diversas concepções que fundaram as relações entre as palavras e as coisas.

Foi apenas nesse último contexto histórico que a figura do *homem* foi construída como problemática teórica, inexistente que era, pois, antes da Modernidade. Foucault foi aqui bastante ousado, pois formulou que a figura do homem estaria em processo histórico de desaparecimento. Daí a crise das ciências humanas.

Foi ainda pela exploração desse filão crítico que Foucault trabalhou as problemáticas da linguagem e do discurso, lançadas que foram no mercado simbólico das idéias não apenas pelo estruturalismo, mas também pelas novas formas de escrita, forjadas nos anos 50 e 60. O novo romance francês se transformou num objeto de estudo para Foucault (1963b), assim como os escritos de Bataille (ibid.), Blanchot (ibid. 1966a) e Raymond Russel (ibid. 1963d).

O que se impunha como ponto de urgência, nos anos 70, em contrapartida, era a crise do sistema penal e o conceito de punição, para os quais Foucault se voltou em *Vigiar e punir*. A problemática da recuperação do criminoso começava já a desaparecer do horizonte da instituição carcerária. O funcionamento das instituições penais estava já no seu limite, pelos ruídos estridentes que ecoavam por todos os seus interstícios. Necessário seria repensar o sistema de punição na sua totalidade, enfim, indicando as linhas mestras de sua genealogia.

Finalmente, na *História da sexualidade*, o que estava em pauta era a construção do dispositivo da sexualidade na modernidade, no qual a emergência das problemáticas do biopoder e da biohistória estariam no primeiro plano, tanto na atualidade francesa quanto na internacional. A questão da população como alvo privilegiado do poder, na modernidade, estava no centro da preocupação teórica e política de Foucault.

Diferentes leituras

Portanto, se na linha de pesquisa construída por Foucault, centrada sempre na atualidade, as razões de ordem estratégica e tática estavam sempre no primeiro plano de sua leitura, é evidente, então, que nas suas diversas arqueologias de saber e genealogias do poder a psicanálise não apenas se inscrevia no campo de problemáticas que eram bem mais abrangentes, como também Foucault se confrontava com os enunciados psicanalíticos numa perspectiva bem específica, qual seja, de que maneira tais enunciados se aproximavam ou se distanciavam do seu projeto filosófico. Razão fundamental, é claro, numa filosofia engajada na atualidade, que destacava sempre as relações entre os registros do saber e do poder como um de seus filosofemas fundamentais. Diferentes leituras da psicanálise foram enunciadas nesse percurso.

Foi nessa perspectiva que a psicanálise foi criticada em *Loucura e desrazão. História da loucura na idade clássica*, à medida que a tradição crítica, na qual a psicanálise se inscreveu, foi colocada em questão, já que Freud propôs uma leitura da loucura fora do registro da desrazão. Nesse contexto, Foucault enfatizou a pregnância da tradição trágica sobre a loucura, para destacar uma outra leitura da questão da verdade, agora na exterioridade do registro da razão. Enfatizava, enfim, a filiação arqueológica existente entre a psicanálise e a psiquiatria, na qual o dispositivo da experiência psicanalítica se inseria na linha de continuidade do dispositivo do tratamento moral.

No *Nascimento da clínica*, interessava a Foucault indicar a inscrição da psicanálise no campo da medicina e da clínica, como as demais ciências humanas, mas agora enfatizando a problemática da relação médico-paciente. Seria desse colóquio singular, pois, que a relação transferencial, conceituada pela psicanálise, teria finalmente se organizado, numa perspectiva arqueológica.

A problemática da relação médico-paciente, no entanto, já tinha sido trabalhada por Foucault na sua obra anterior sobre a loucura, na qual enfatizava a relação do alienista com o alienado como fundante do tratamento moral. O que a psicanálise, com Freud, teria empreendido foi a radicalização desses pressupostos, presentes tanto na tradição alienista quanto na recente tradição da clínica.

Em *As palavras e as coisas*, contudo, a psicanálise foi louvada, pelo enunciado que forjou do conceito de inconsciente e pelo lugar conferido à linguagem no processo de produção da verdade. Nessa perspectiva, aquela foi aproximada da antropologia estrutural, construída por Lévy-Strauss, pela posição estratégica atribuída por ambas ao inconsciente e à linguagem. Rompiam decisivamente, então, com a tese do sujeito centrado na consciência e no eu, que foi estabelecida pela tradição filosófica desde o século XVII com o discurso filosófico de Descartes.

Por isso mesmo, nesse contexto, a psicanálise seria uma modalidade de discursividade e não de ciência, isto é, uma forma de hermenêutica que supõe a infinitude da interpretação, na medida em que as palavras teriam se autonomizado definitivamente do registro das coisas na modernidade (Foucault 1968b).

Porém, em *Vigiar e punir* e na construção teórica realizada sobre a sociedade disciplinar, a psicanálise se inscreveria decididamente no interior desta, pelas práticas de individuação e de recuperação carcerária dos criminosos, dando alento ainda às práticas de vigilância e às técnicas mais amplas de controle social, empreendidas pela microfísica do poder (ibid. 1979).

Tudo isso se desdobrou na leitura do dispositivo da sexualidade, no qual Foucault indica a construção, na modernidade, de um espaço de incitação ativa do sexual para o seu controle sistemático; diante disso, a psicanálise se inscreveu como um saber sobre a sexualidade. O que estava em pauta aqui era a crítica da hipótese repressiva sobre a constituição da civilização, formulada por Freud, e o questionamento do estatuto do Édipo como forjador do sujeito, à medida que tais enunciados se fundavam na categoria de *lei*. Seria esta, no entanto, que estava decididamente na berlinda, com a constituição da sociedade disciplinar e do biopoder, com o projeto de normalização do social.

Sujeito e verdade

Nesse percurso crítico de Foucault em relação à psicanálise, no qual o questionamento foi francamente dominante em comparação com o louvor, foi sempre o freqüente distanciamento e a fugaz aproximação que estavam em questão. O único ponto de encontro efetivo entre ambos foi a constituição do conceito de inconsciente e o lugar destacado conferido à linguagem no discurso psicanalítico, que teriam finalmente destacado os registros do eu e da consciência da posição fundamental que ocupavam no psiquismo desde a filosofia de Descartes. Vale dizer, o ponto efetivo de convergência, entre o projeto filosófico de Foucault e a psicanálise, foi a problemática do *descentramento do sujeito*.

Porém, no que concerne a isso, as divergências se impunham e produziam efeitos em cascata no campo da argumentação, porque, numa certa leitura psicanalítica, a tese do descentramento do sujeito assumia uma marca estrutural e, portanto, a-histórica. Em contrapartida, na direção teórica traçada pela arqueologia do saber e pela genealogia do poder, o dito descentramento teria sido historicamente construído. Sobre isso, o foco principal da leitura crítica de Foucault foi a versão estruturalista da psicanálise, enunciada por Lacan de forma sistemática (Lacan 1966).

Para Foucault, a leitura estruturalista do descentramento do sujeito conduzia inequivocamente a uma *naturalização* do psiquismo, não obstante a posição estratégica atribuída por Lacan à linguagem e posteriormente ao discurso. Este pretendia desnaturalizar o inconsciente ao fundá-lo no Outro, de forma que, em decorrência disso, o inconsciente funcionaria como uma linguagem e a psicanálise seria o campo da fala e da linguagem (Lacan 1953). Nessa perspectiva, contudo, a linguagem em questão assumia uma versão não apenas a-histórica, mas também formalista, na medida em que a universalidade da lei simbólica ocupava uma posição fundamental. Como vimos, era justamente isso que estava em pauta em *A vontade de saber*, quando Foucault empreendeu a crítica à centralidade conferida ao Édipo no discurso psicanalítico.

O que se impunha aqui, como objeto privilegiado da crítica, era, sem dúvida, o estatuto transcendental atribuído ao *sujeito* e à lei, derivações maiores que seriam da posição transcendental atribuída à linguagem, na perspectiva delineada por Lacan. Tanto na perspectiva da arqueologia do saber quanto na da genealogia do poder, os registros do sujeito e da linguagem seriam sempre produções discursivas, ordenadas por diferentes epistemes e por diversas tecnologias de poder. Por isso mesmo, a dimensão histórica atravessaria ambos os registros em questão. Seria a consideração devida desses aspectos que teria conduzido, enfim, às versões a-históricas do sujeito, da lei e da linguagem, empreendidas pela interpretação estrutural da psicanálise realizada por Lacan.

No campo teórico dessa discórdia, Foucault enunciou então os conceitos de *formas de subjetivação* (1976) e de *jogos de verdade* (1984a), para indicar não apenas uma versão antinaturalista e histórica do sujeito, como também uma outra concepção de verdade, inscrita agora nos jogos, sempre arbitrários, forjados na interface dos registros do saber e do poder.

Nessa perspectiva, as leituras realizadas por Foucault sobre a sexualidade nas culturas grega e romana, nos dois últimos volumes publicados da *História da Sexualidade* (1984b; 1984c), procuram indicar

a existência de outras formas de subjetivação e de diferentes jogos de verdade tecidos em torno da sexualidade no Ocidente. Essas duas tradições antecederam a civilização cristã, fundada nos registros da carne e da confissão (ibid. 1974), que forjaram outras formas de subjetivação e diferentes jogos de verdade.

Seria, então, neste último registro teórico, que colocava em questão uma leitura transcendental da linguagem, da lei e do sujeito, que a crítica foucaultiana da psicanálise se sistematizou de maneira mais clara, na qual enunciou uma outra concepção do sujeito e da verdade, fundados agora nos conceitos de formas de subjetivação e de jogos de verdade.

A filosofia do sujeito em questão

O que estaria em pauta então, no projeto filosófico de Foucault, seria a *desmontagem* da *filosofia do sujeito* e do seu correlato, qual seja, o lugar ocupado nesta pela concepção de verdade. Nas diferentes arqueologias do saber e genealogias do poder que empreendeu ao longo de sua obra, era sempre isso que estava em pauta, seja de forma direta e indireta, seja de forma frontal e lateral.

Por isso mesmo, Foucault colocou também nas cenas de suas pesquisas as diversas problemáticas que escapuliam às estratégias racionais traçadas pela filosofia do sujeito e pelos seus discursos correlatos de verdade. É isso que precisa ser indicado agora, para podermos concluir.

Não foi um acaso, portanto, que as problemáticas da *loucura*, da *morte*, da *linguagem*, da *punição* e do *erotismo* tenham sido as que foram escolhidas na linha de pesquisa construída por Foucault, pois todas essas problemáticas colocavam em questão a tradição da filosofia do sujeito e o valor atribuído à verdade nessa tradição filosófica. Não é arbitrário também que a psicanálise tenha interessado tanto a Foucault como objeto de crítica, porque, em Lacan, o percurso psicanalítico foi totalmente

reconstruído por pressupostos teóricos da filosofia do sujeito e de seus correlatos discursos sobre a verdade.

O enunciado dos conceitos de *sujeito do inconsciente* e do inconsciente como lugar de produção de verdade (Lacan 1953) – o célebre retorno a Freud (ibid.), empreendido sistematicamente por Lacan desde os anos 50 – foi a inscrição da psicanálise no registro teórico da filosofia do sujeito. Era precisamente isso que estava sempre em pauta, enfim, na relação crítica de Foucault com a psicanálise, que sempre a interpelou pela sua inserção na tradição da filosofia do sujeito, na medida em que esta era o alvo dessa crítica, na desmontagem sistemática que propunha com o seu projeto filosófico.

Referências

- Althusser, Louis 1965: *Pour Marx*. Paris, Maspéro.
- Bachelard, Gaston 1949: *Le rationalisme appliqué*. Paris, PUF.
- _____ 1975: *La formation de l'esprit scientifique*. 9. ed. Paris, Vrin.
- Braudel, Fernad 1978: *Escritos sobre a história*. São Paulo, Perspectiva.
- Canguilhem, Georges 1960: *La connaissance de la vie*. 3. ed. Paris, Vrin.
- _____ 1966: *Le normal et le pathologique*. 3. ed. Paris, PUF.
- _____ 1968: *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris, Vrin.
- Deleuze, Gilles 1952: *Hume, sa vie, son oeuvre, avec une exposé de sa philosophie (avec André Cresson)*. Paris, PUF.
- _____ 1953: *Empirismes et subjectivité*. Paris, PUF.
- _____ 1962: *Nietzsche et la philosophie*. Paris, PUF.
- _____ 1963: *La philosophie critique de Kant*. Paris, PUF.
- _____ 1964: *Marcel Proust et les signes*. Paris, PUF.
- _____ 1966: *Le bergsonisme*. Paris, PUF.
- _____ 1967: *Presentation de Sacher-Masoch*. Paris, Minuit.
- _____ 1968a: *Spinoza et le problèmes de l'expression*. Paris, Minuit.
- _____ 1968b: *Différence et répétition*. Paris, PUF.

- Deleuze, Gilles 1969: *Logique du sens*. Paris, Minuit.
- _____ 1970: *Spinoza, philosophie pratique*. Paris, PUF.
- _____ 1981: *Francis Bacon – Logique de la sensation*. 2 v. Paris, La Différence.
- _____ 1988: *Le pli-Leibniz et le baroque*. Paris, Minuit.
- _____ 1993: *Critique et clinique*. Paris, Minuit.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Felix 1972: *L'Anti-Oedipe – Capitalisme et schizophrénie*. Paris, Minuit.
- _____ 1980: *Mille plateaux*. Paris, Minuit.
- _____ 1991: *Qu'est-ce-que la philosophie*. Paris, Minuit.
- Derrida, Jacques 1967a: *L'écriture et la différence*. Paris, Seuil.
- _____ 1967b: "Freud et la scène de l'écriture". In: Derrida, J. 1967a.
- _____ 1967c: *De la grammatologie*. Paris, Minuit.
- _____ 1980: *La carte postale – De Sócrates à Freud et au-delà*. Paris, Flammarion.
- _____ 2001a: *Foucault, M. – Três tempos sobre a História da loucura*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- _____ 2001b: "Fazer justiça a Freud". In: Derrida 2001a.
- _____ 2001c: "Cogito e história da loucura". In: Derrida 2001a.
- Dosse, François 1962: *A história em migalhas*. São Paulo, Ensaio.
- Foucault, Michael 1954: *Maladie mentale et personnalité*. Paris, PUF.
- _____ 1961: *Folie et déraison – Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris, Plon.
- _____ 1963a: *Naissance de la clinique*. Paris, PUF
- _____ 1963b: "Le langage à l'infini". In: Foucault 1994.
- _____ 1963c: "Préface à la transgression (en hommage à Georges Bataille)". In Foucault 1994.
- _____ 1963d: *Raymond Russel*. Paris, Gallimard.
- _____ 1966a: "La pensée du dehors" (1966). In : Foucault 1994.
- _____ 1966b: *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard.
- _____ 1968a: "Réponse au Cercle d'epistémologie". In: Foucault, M. 1994.

- Foucault, Michael 1968b: “Nietzsche, Freud, Marx”. In: Foucault, M. 1994.
- _____ 1969: *L'archéologie du savoir*. Paris, Gallimard.
- _____ 1971a: “Nietzsche, la genealogie, l'histoire”. In: Foucault, M. 1994.
- _____ 1971b: “Nietzsche, la genealogie, l'histoire”. In: Foucault, M. 1994.
- _____ 1971c: *L'ordre du discours*. Paris, Gallimard.
- _____ 1972: *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris, Gallimard.
- _____ 1974: *Surveiller et punir*. Paris, Gallimard.
- _____ 1976: *La volonté du savoir*. Paris, Gallimard.
- _____ 1978: *Comment on écrit l'histoire*. 2. ed. Paris, Seuil.
- _____ 1979: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal.
- _____ 1984a: “Les techniques de soi-même”. In: Foucault 1994.
- _____ 1984b: *Le souci de soi*. Paris, Gallimard.
- _____ 1984c: *L'usage des plaisirs*. Paris, Gallimard.
- _____ 1984d: “Qu'est-ce que les Lumières?”. In: Foucault, M. 1994.
- _____ 1994: *Dits et écrits*. v. 2. Paris, Gallimard.
- _____ 2001: *Il faut défendre la société – Cours au Collège de France, 1974-1975*. Paris, Gallimard-Seuil-Fliess.
- Kant, Emmanuel 1990: “Réponse à la question: Qu'est-ce que les Lumières?”. *Oeuvres philosophiques*. v. 2. Paris, Gallimard.
- Lacan, Jacques 1953: “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse”. In: Lacan, J. 1966.
- _____ 1966: *Écrits*. Paris, Seuil.
- Major, René 2002: *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Veyne, Paul 1978: “Foucault revolutionne l'histoire”. In: Foucault, M. 1978.